

CHARLES, Sébastien. ***Cartas sobre a hipermodernidade ou o hipermoderno explicado às crianças***. São Paulo: Barcarolla, 2009. Resenha de Dr. Lourenço Stelio Rega.

Este livro que li numa viagem que fiz à Medellín, Colombia, é fundamental para a compreensão do momento atual de nossa cultura. Sébastien Charles, Sébastien já havia escrito o livro “Os tempos hipermodernos”, publicado no Brasil em 2004, pela Barcarolla, como co-autor do filósofo francês Gilles Lipovetsky, que criou o termo “hipermodernidade” para descrever o presente momento da sociedade. Assim, hipermodernidade é caracterizada por uma cultura do excesso, do sempre mais. Todas as coisas se tornam intensas e urgentes. O movimento é uma constante e as mudanças ocorrem em um ritmo quase esquizofrênico determinando um tempo marcado pelo efêmero, no qual a flexibilidade e a fluidez aparecem como tentativas de acompanhar essa velocidade.

A sociedade hipermoderna pode ser compreendida pela prioridade concedida ao tempo presente em detrimento dos sonhos voltados para o futuro, pela priorização dos particularismos e pela desconexão do sentido de dever com a coletividade. Há o desaparecimento dos grandes projetos políticos que mobilizavam a população e que davam sentido ao futuro.

Assim é desqualificada a idéia de que tenha existido um período pós-moderno enquanto signifique a saída do moderno. Neste texto, Charles explica que para sair do moderno significaria romper com a racionalização técnica do mundo, a economia de mercado, a democratização do espaço público e a extensão da lógica individualista. Para ele, na hipermodernidade, estes princípios não refluíram, mas não param de ganhar terreno. Não temos de lidar com uma ruptura (moderno versus pós-moderno), mas com a radicalização do moderno, então um hipermoderno, pois o prefixo “hiper” é indicativo dos excessos próprios à modernidade, que não acaba mais de modernizar-se. Assim, a hipermodernidade se caracteriza pela amplificação da mercantilização desenfreada dos seres e das coisas, invasão das técnicas em todos os domínios da existência, fragilização cada vez mais funda dos indivíduos, perda crescente do censo comum e do bem público.

Nessa análise, o hipermoderno introduz uma radicalidade voltada para o indivíduo como o ponto de partida e de chegada de tudo. Um exemplo para ilustrar isso, é o deslocamento do conceito de felicidade. No passado, a filosofia entendia a felicidade fundamentada na concepção do mundo exatamente como ele é numa modificação do indivíduo de modo a adaptá-lo à realidade. Na hipermodernidade a felicidade não tem relação com o mundo exterior ao indivíduo, é o mundo que tem de se transformar para que o indivíduo alcance a felicidade. O indivíduo passa a ser o referencial para o mundo exterior e não o inverso.

O indivíduo, na pósmodernidade, está lançado sozinho no mundo de modo que a felicidade deixou de ser vista como uma promessa para o futuro, dependendo de sua construção laborativa no presente e da integração do indivíduo no meio em que vive. Os indivíduos são conduzidos a atingir a felicidade sozinhos, no presente, em ruptura com qualquer vínculo ideológico. O próprio indivíduo é a sua ideologia sem compromissos com o mundo exterior. A temporalidade válida é a do momento presente.

Outro exemplo está na concepção da ética, que deixa de exigir a ataraxia do indivíduo para ser um recurso instrumental em benefício da solução dos dilemas que o indivíduo enfrenta. É uma ética de demanda e não mais normativa.

Ao ler o texto que demonstra a hipermodernidade como continuidade e radicalização da modernidade, em vez de considerar a pós-modernidade como um fenômeno de ruptura, procurei relembrar a conexão que tenho feito entre os “upgrades” da narrativa da queda no Éden (Gn 3) – desejando ser como Deus em termos volitivamente éticos – e que se refletem na chamada modernidade (razão e técnica) – o homem desejando raciocinar como Deus e construir o mundo como Deus – e na chamada pós-modernidade (superação de Deus) – o homem desejando viver como Deus vivendo além do bem e do mal (Nietzsche). Na verdade não seriam três movimentos diferentes, mas, em termos diacrônicos - um movimento que se atualiza e, em termos sincrônicos, se radicaliza a cada fase.

Como se vê, o livro não é dedicado às crianças, nem a linguagem própria a sua compreensão. Pelo menos às crianças na idade, talvez aos adultos com a compreensão ainda infante dos fatos que compõem o cenário que está sendo construído em nossa época. O próprio autor confessa que o livro não é para as crianças, é um “pastiche” que ele copia de Jean-François Lyotard que escreveu *O pós-moderno explicado às crianças*.